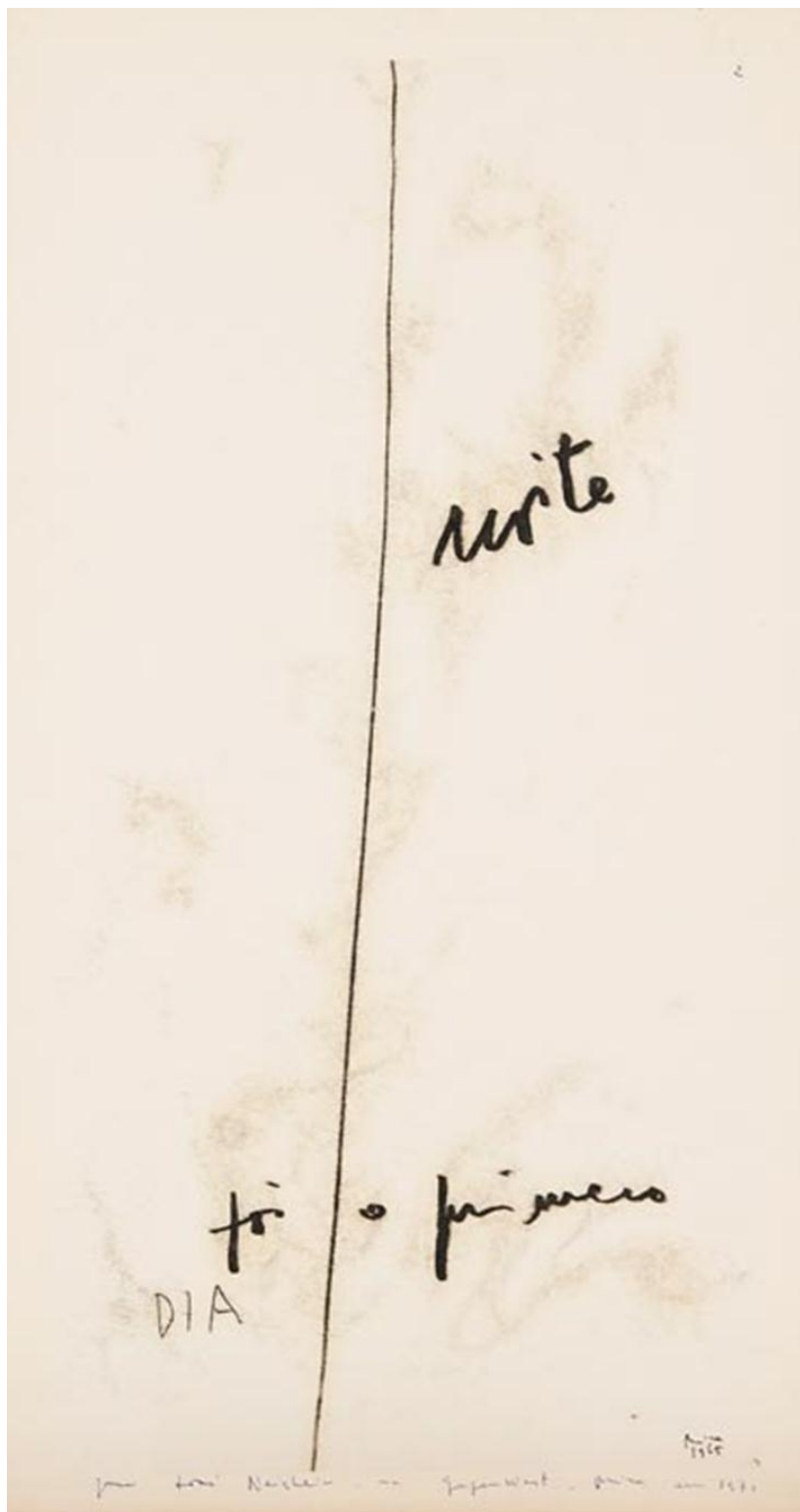


Criação artística como processo de incisão: Uma relação com Mira Schendell.



Mira Schendell – Sem Título, série Gênesis (Fotografia do autor)

Não lembro muito bem quando foi a primeira vez que olhei para esse trabalho da Mira Schendel. Acredito que tenha sido em 2014, mas uma coisa certa é que

quando ele fez parte da minha vida, parece que ele sempre existiu em mim. Tenho tendência a pensar que alguns trabalhos produzem essa sensação em nós.

Corte. Podemos pensar que a linha que divide a folha de papel em duas partes como um corte formal, mas também está atrelado ao tema que Mira Schendel quer comentar. O trabalho faz parte de uma série de sete monotipias da série “Gênesis” que narra a criação bíblica do mundo e esse, do qual eu falo, é a criação do dia e da noite, o primeiro dia. Assim, essa linha que corta a folha de papel em duas partes também atua como a criação do dia e da noite.

Corte. Nesse ponto, quando me deparo com essa situação que o trabalho me leva, penso que corte é muito pouco para o acontecimento que Mira Schendel propõe. Na minha mente a palavra corte vem associada a alguns momentos, como o corte da pele em um acidente, o corte de algum material para seu uso ou até mesmo o corte em alguma conversa com outras pessoas. Todos esses cortes possuem mais ou menos intencionalidades e alguma dose de precisão. Mas no caso desse trabalho, a palavra não basta para o ato.

Incisão. Precisa e intencional, como a incisão cirúrgica, é como eu percebo a linha criada por Mira Schendel. Penso que a incisão é um corte preciso e intencional, igual aos cortes realizados em operações médicas que são pré-planejados em busca do melhor resultado para o paciente. Diferente dos outros cortes do qual falei, a incisão é pura intenção. Busca abrir para outras possibilidades além de si, diferentes dos outros cortes que encerram algo ou acabam em si próprios.

Incisão. É isso que Mira Schendel faz quando inscreve a linha nesse trabalho. É a partir dessa linha que, como um motor, o campo visual da obra começa a ser organizado. Ela, Mira Schendel e linha, operam juntas o corpo do papel.

Palavra. Na criação do dia e da noite, a artista utiliza a palavra escrita para a representação desses elementos em ressonância com a criação divina. A passagem bíblica é a seguinte: “3 Disse Deus: "Haja luz", e houve luz. 4 Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. 5 Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia.”. A palavra precede a criação em Deus. Ele fala e o ato acontece. A ressonância disso em Mira Schendel é que quando a palavra “noite” é inscrita por ela, não é apenas uma noite que se

encontra lá, mas todas as “noites” possíveis estão lá agora. E o dia não é apenas um dia, mas todos os dias. A partir da palavra inscrita, o ato de criar é colocado para mim. A palavra é incisão igual à linha. Ela abre a linguagem para outras possibilidades, oferecendo a criação a nós. Quando olhamos é quando o dia e a noite são criados, nossas noites e dias.

Lusco-fusco. A linha que separa o dia e a noite não é reta. Não separa matematicamente ao meio. Entretanto, é precisa e definida. Ela está lá. Noite e dia também estão definidos. Eles estão lá e são definidos até pela forma que são escritos. A noite em uma intensidade mais escura e o dia com menos. Eis que surge o enunciado do trabalho “foi o primeiro” que também está definido, mas está definido entre. Ou melhor: ele está tanto no dia como na noite. Em uma leitura rápida “Noite foi o primeiro Dia”. Se a linha separa o dia da noite no trabalho de Mira Schendel, “foi o primeiro” é o que os liga de volta, mas agora como transição, é tempo. Pensando em imagens, “foi o primeiro” é o lusco-fusco. O momento definido da transição que ainda não é noite, mas também não é dia. Ou dito de outras palavras pode ser dia e noite. Acaba que ele produz uma dupla leitura para a palavra “Dia”. Ela é a imagem do dia criado e também é enunciado de sua criação.

Luz. Eu tive a oportunidade em diversos momentos de ouvir Paulo Herkenhoff, curador e crítico de arte, falar sobre esse trabalho. Uma das coisas que ele fala é que esse trabalho uma síntese da criação nas artes visuais. Porque quando Deus cria a luz e define o dia e a noite, nós ganhamos a habilidade da visão e ela é pautada pela incidência de luz nos nossos olhos. Assim, quando surge a luz, surge a possibilidades de criação de todas as outras artes visuais.

Duplo. O trabalho de Mira Schendel atua sempre com duplos. É a criação divina e também criação das artes visuais. É o dia como criação e também como enunciado. É o dia e a noite e também todos os dias e noites. É incisão que define a criação dela e também que abre para a minha criação. Pensar com Deleuze e Guattari quando escrevem sobre as máquinas desejanter “e... e...”, uma síntese conectiva. Em outras palavras, a criação artística com esse processo de incisão, corte preciso e intencional, que abre a possibilidade da linguagem para além dela.